Jubileu 800 anos 1216-2016
Ordem dos Pregadores

A PREGAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS
"A HOMILIA"

Frei Bruno Maria Palma, OP

1- a homilia é um ato religioso - pela sua situação: dentro de uma celebração litúrgica, faz parte dela e recebe dela sua força e sua luz, sobretudo quando é pronunciada dentro de uma celebração eucarística.

2 - Por isso, se distingue de uma meditação em voz alta e sobretudo de uma aula.

3 - e quem a pronuncia é ou um padre ou um bispo - por causa de seu caráter especial, de certo modo "sacramental". Ou diácono, quando autorizado.

4 - Contudo, o celebrante que a pronuncia é porta-voz da Igreja e, de modo especial, inega velmente, do Espírito Santo.

5 - Nunca pode ser esquecido esse fato: é o Espírito Santo quem fala através do celebrante que pronuncia a homilia.

6 - Isto não exime o celebrante de preparar cuidadosamente a sua homilia, como se ele pudesse dispensar-se dessa preparação, já que é o Espírito Santo quem fala através dele. Ao contrário, ele deve tornar-se um instrumento dócil mas um BOM instrumento. E ser um BOM INSTRUMENTO exige dele uma preparação em vários patamares: a) preparação remota (sua cultura teológica em primeiro lugar, mas também sua cultura "profana"); b) preparação próxima, que lhe vem de uma reflexão sobre os textos bíblicos daquela missa, em estreita ligação com o tempo litúrgico e, quando possível, mostrando conexão com os outros domingos do tempo; preparação imediata, que vem de um clima de oração, de invocação humilde do Espírito Santo, de uma "introspecção" daquilo que foi meditado, tornando vida pessoal aquilo que se deseja transmitir aos outros.

7 - Aqui entramos num aspecto essencial de uma verdadeira HOMILIA: é o fato dela partir de uma pessoa e se dirigir a outras pessoas. Uma homilia é sempre algo "pessoal", o que não quer dizer que aquele que a pronuncia seja "diferente" e muito menos "especial". Mas PESSOAL aqui significa que a homilia é uma ação de uma pessoa viva, com suas características próprias, intransferíveis; e, claro, com seus defeitos e até cacoetes. Assim sendo, é difícil ENSINAR A PREGAR BEM.

8 - Isto não impede que se mostre sobretudo o que não se deve fazer. E, neste campo, haveria muito o que dizer, tantos são os erros - e erros graves - cometidos por muitos pregadores.

Talvez pudéssemos elencar alguns erros mais comuns:

a) fazer da homilia uma doutrinação política ou uma aula de moral;

b) aproveitar a ocasião para corrigir defeitos ou atitudes erradas dos ouvintes.

c) Alongar-se inutilmente, cansando os ouvintes. Aqui entra a discussão de um ponto importantíssimo na homilia: a sua duração. E a experiência tem mostrado que aquele que prepara bem sua homilia fala melhor e em menos tempo. O tempo ideal de uma homilia é de dez a doze minutos. E claro, tudo isso é relativo, pois há quem consiga fazer uma belíssima homilia (densa e profunda) em meia hora. Mas para falar bem em dez minutos é preciso dispender muitas horas de preparação. E nunca se pode esquecer de que uma homilia densa e eficaz (religiosamente falando) não é um fato isolado numa vida de pregador, mas faz parte de seu ritmo mais profundo e da qualidade da vida de fé daquele pregador.

d) buscar um tom de voz condizente com o ato que se está praticando: um ato religioso, que exige de quem prega uma autêntica humildade: ele não está ali para se mostrar ou falar de si mesmo (e muito menos se exibir) - ele é o portador de uma mensagem de fé e de esperança. Se é um ATO PESSOAL, aquilo que ele disser deve primeiro passar pelo seu CORAÇÃO. Só assim ele atinge o coração das pessoas. E, quando digo CORAÇÃO, longe de mim está qualquer sentimentalismo ou dolorismo. As verdadeiras emoções, que vão acompanhar suas palavras, devem ser discretas e SEMPRE visar levar as pessoas a Deus e não ao pregador.

Há algo ainda a dizer sobre o caráter PESSOAL da homilia. E diria mesmo de CADA homilia. O verdadeiro pregador não fala da mesma maneira para todo e qualquer ouvinte. Cada grupo específico de ouvinte pede que ele leve em consideração a sua especificidade.

hoje em dia, em geral, as celebrações eucarísticas reúnem pessoas muito diferentes: jovens e idosos, homens e mulheres, pessoas cultas ou não, cristão praticantes ou fervorosos e pessoas de vida cristã superficial... Por isso, a posição do pregador não é nada cômoda. Embora uma homilia bem preparada e vivida intensamente como um ato religioso, possa tocar a todos e cada um segundo a sua capacidade de ouvir e compreender. Eu disse possa - para dizer poderia, no condicional - tocar a todos os ouvintes.

Entretanto, o Espírito Santo, numa homilia, faz milagres E a experiência me mostrou que tocamos o coração de certas pessoas com palavras que, segundo o nosso julgamento, seriam ineficazes - ou, pelo menos, não foram ditam conscientemente nessa intenção. Mesmo porque o nosso olhar, quando pregamos, a rigor não distingue bem as pessoas tocadas pela nossa palavra e aquelas que não o são. E é melhor assim...

*

Há, contudo, um outro aspecto - como chamar tal coisa? elemento, situação, mistério? - de uma pregação da Palavra bem sucedida: é que ela é única e insubstituível. Quando ela é realmente inspirada pelo Espírito Santo o pregador vive uma espécie de “estado de graça”. Assim, a experiência me mostro que, ao gravar uma homilia minha e ouvi-la mais tarde, me deu um certo mal-estar - era o mesmo que comer uma comida requentada, que perdera seu sabor do momento. As grandes homilias de Vieira são obras primas primas de Literatura, mas foram reescritas, reelaboradas em vista da publicação. Destarte a leitura dessas peças admiráveis certamente não nos transporta para aquele momento em que foram pronunciadas, vivendo com o pregador - “o Império da língua portuguesa”, mas como disse Fernando Pessoa - aquele “estado de graça”, no momento em que Vieira se deixava levar pelo Espírito Santo.

Sei que esse exemplo é ruim para exprimir o que eu quero dizer. Voltando à minha modestíssima experiência:

O melhor exemplo talvez seja o Cura d'Ars - semiletrado e usando palavras extremamente simples, conseguiu tocar profundamente seus ouvintes. Seus ouvintes dispostos também, como o santo pregador, a se deixar "tocar" pelo Espírito Sato; pois, certamente, houve ouvintes de ouvidos moucos e coração fechado à graça que o Espírito semeava naquele instante único.

O que digo aqui é uma experiência comum na vida de um pregador da Palavra de Deus: ele é - sem perceber muito - o porta-voz de Alguém que usa suas pobres palavras humanas, sua voz marcada pelo pecado, mas que transcende tudo isso e atinge as pessoas que abrem seu coração àquelas pobres palavras.

Isso me tem mostrado que aquilo que digo não vem somente de mim, dado aquilo que eu preparei, estudando os textos e procurando dar-lhes uma certa conexão (lógica e teológica)... Discretamente, respeitando meu modo de ser e de dizer, o Espírito Sano me inspira e me eleva, fazendo-me viver aquilo que estou dizendo - nem que seja só naquele momento. Com um instrumento tosco um artista verdadeiro faz milagres. E, sem dúvida, o Espírito Santo é O Artista por excelência: ele não só cria ,as recria e faz duma rude flauta um instrumento capaz de produzir belas melodias.

*

Porém, para atalhar uma objeção que já estou ouvindo: "isso é sinal de orgulhou, ou, pelo menos de vaidade do pregador". Não, caro leitor, o verdadeiro pregador da Palavra não pode se envaidecer de nada, pois TUDO AÍ É GRAÇA, pura graça de Deus. O teste mais comum ou imediata é a consciência de que o que se diz naquele momento de graça é muito maior do que nós. E, acrescento, o pregador da Palavra tem que ter um agudo senso do ridículo para não se pavonear com plumas alheias.

Daí eu tirei uma lição importantíssima para todo e qualquer pregador: várias pessoas vêm cumprimentar ou elogiar o pregador. Se você lhes perguntar o motivo do elogio elas não saberão dizer nada que o convença de que ouviram o que foi dito e aproveitaram do que havia de bom. Nunca se deixe levar pela vaidade ou o orgulho de que fez um belo sermão. Pois você está roubando ao Espírito Santo aquilo que é DELE e só DELE.

Há ainda algo que se tornou quase uma obsessão de certos pregadores: querer ser PRÁTICO - elaborar uma homilia que seja de aplicação "prática" (ou imediata) dos ouvintes, pela qual eles possam pautar seu comportamento na vida cotidiana.

Há aqui um perigo de um mal-entendido: levar com isso o pregador descer aos aspectos elementares das vidas dos ouvintes, fazendo da sua homilia uma lição de mora imediata, fornecendo "receitas" de bem-viver, ou, pior ainda, de auto-ajuda.

O risco que se corre é cair - queiramos ou não - em lugares comuns, em banalidades obvias, esvaziando assim o verdadeiro conteúdo de uma homilia que deve ir além disso. Pois, em princípio, uma homilia - como ato religioso e sendo um momento de graça - deve ser a transmissão do essencial da fé cristã. E cada ouvinte - se ele abriu seu coração àquilo que esta sendo celebrado (pois se trata disso essencialmente: CELEBRAÇÃO da Palavra de Deus), se ele ouviu com o coração iluminado pela fé, cada ouvinte vai viver, à sua maneira pessoal, o que foi dito a todos; vai fazer uma aplicação PRÁTICA, no seu dia-a-dia, dessa luz que lhe veio através do pregador.

Contudo, porque não existe um só padrão de homilias bem realizadas, porque os ouvintes são diversos e as circunstâncias de tempo e lugar variam muito, o pregador poderá fazer - judiciosamente e sobriamente - alusão a fatos daquele momento ou daquele lugar, para tirar daí elementos que podem tornar a sua homilia mais densa, ajudando assim os ouvintes a ligarem o conteúdo da fé - que é o centro da homilia - às circunstâncias existenciais daquela comunidade de fiéis.

Porém, o que vai fazer os ouvintes porem em prática (cada qual a seu modo e segundo as circunstâncias da sua própria vida) o elemento central da sua vida de fé, vai levá-los a transformarem em VIDA aquilo que lhes foi dado como INSPIRAÇÃO - pois vem do Espírito Santo e não é mera "RECEITA DE BEM-VIVER" - o que vai tornar "prática" ou "praticável" uma homilia é a sua densidade teológica e a força transformadora que lhe vem do Espírito Santo.

*

O TEMA DA HOMILIA

Naturalmente ou habitualmente o tema da homilia é colhido nos textos bíblicos daquela missa, e o enfoque é tomado do tempo litúrgico daquela celebração. Contudo, se formos buscar inspiração nas obras que tratam desse assunto - reflexões sobre as lições de cada missa - percebemos que cada autor escolhe um tema, acentua um aspecto do tema geral daquela celebração e nem sempre levando em conta o tempo litúrgico. Há autores que elaboram um plano geral para o ano litúrgico (A, B ou C), de acordo com a característica daquele evangelista. Outros, seguem de perto o que se destaca naquele mistério celebrado, dentro do ano litúrgico e da coloração própria do tempo que se está celebrando (Advento, Natal e Epifania, Quaresma, Páscoa, Pentecostes).

Cabe, então, a cada pregador, escolher o tema da sua homilia, levando em conta os ouvintes e, sobretudo, aquilo que ele julga bom dizer para aquelas pessoas, naquele dia. A experiência me tem mostrado - mormente quando celebro duas missas num domingo - que cada grupo de ouvintes me pede - com o olhar atento, que forma comigo uma espécie de "arco voltaico" - palavras diferentes, ou diferentes destaques no tema geral que eu estou tratando.

A PREGAÇÃO DOMINICANA

Nunca podemos nos esquecer de que somos a ORDEM DOS PREGADORES. O que quer dizer que, para nós, dominicanos, pregar não é uma atividade esporádica, suplementar ou aleatória, mas uma incumbência essencial que caracteriza a nossa vocação cristã e nos especifica como ordem religiosa.

A "Ordem dos Pregadores", no tempo de São Domingos, era constituída pelos bispos. Eram ele os encarregados de pregar a Palavra de Deus. Os padres podiam pregar, desde que tivessem uma licença especial para isso. Assim, ter criado uma ordem religiosa que se dedicasse prioritariamente à pregação era, naquele tempo, uma novidade muito grande e, tê-lo conseguido, uma ousadia tanto de Domingos quanto do Papa que aprovou o projeto de Domingos.

E não podemos também nos esquecer de que, para Domingos e a primeira geração dominicana, que elaborou a nossa primeira legislação, todas as atividades exercidas pelos membros dessa Ordem em vista da sua santificação e da comunicação dessa "vida em Cristo" visam a pregação. Em outras palavras: tanto a oração pessoal quanto a oração litúrgica, os estudos - e todos eles!; a vida em comunidade e todas as atividades pastorais - TUDO visa a pregação.

Mas não QUALQUER PREGAÇÃO: uma pregação que poderíamos chamar, na falta de um termo mais apropriado, de pregação DOUTRINAL. Isto não significa que as outras formas de pregação - exercidas dentro da Igreja visando a formação religiosa e moral dos seus membros, não seja necessariamente também "doutrinal", isto é: portadora dos elementos essenciais da fé e da vida de fé vida trazidos por Jesus Cristo. Mas a pregação dominicana - na sua forma assumida por são Domingos e os outros frades exemplares como pregadores da Palavra de Deus - tem essa característica: é "doutrinal". Porque se propõe passar o essencial da doutrina cristã, haurida no estudo da Palavra de Deus e iluminada pela oração e caucionada pela vida de fé do pregador e da comunidade à qual pertence.

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — http://www.dominicanos.org.br